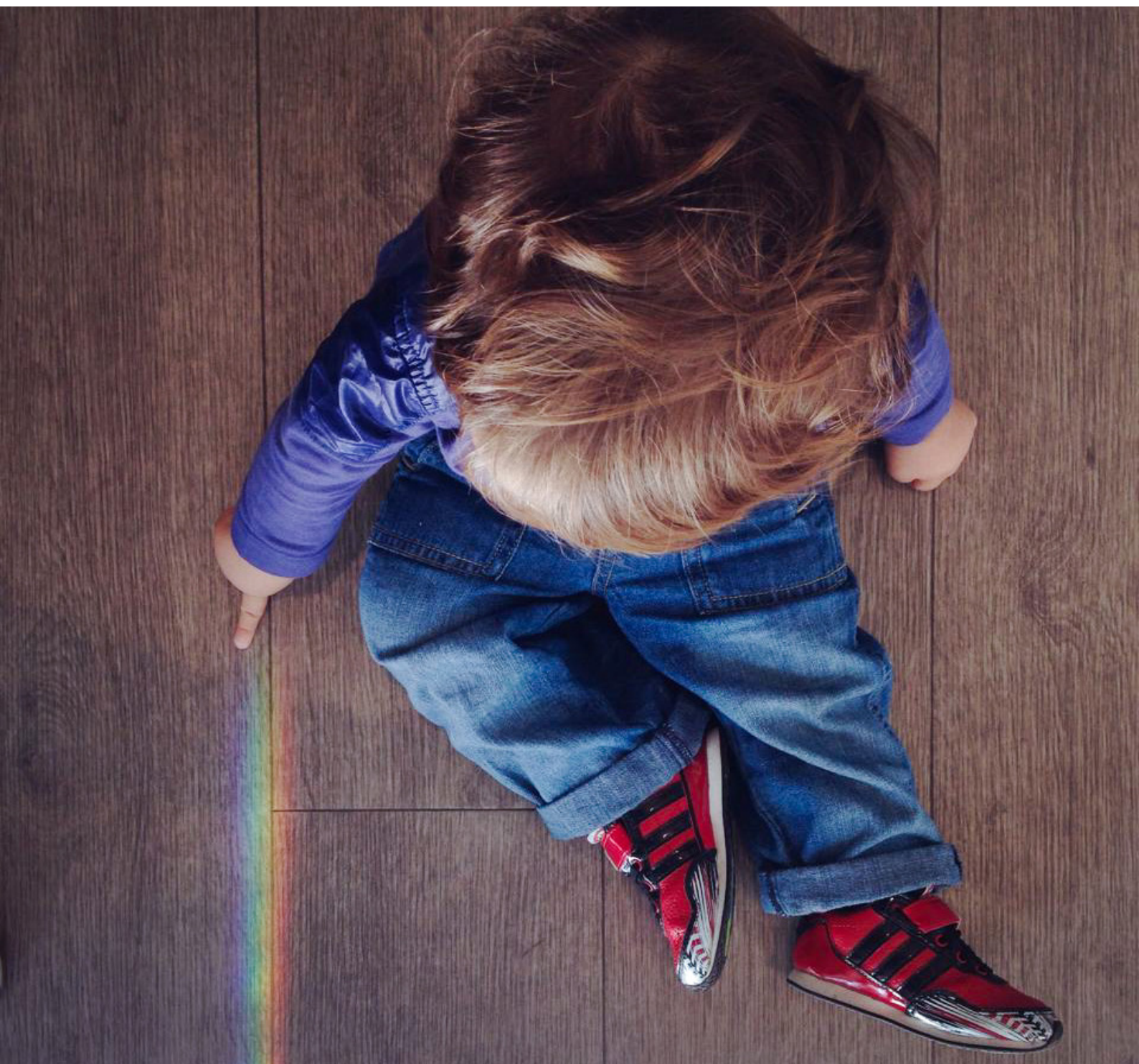


Fios do Brincar: tecendo o acolhimento de todos os bebês e crianças pequenas



Iniciativa

Parceiro



Apresentação

“O que é isso que se movimenta de um lado para o outro? Opa, de novo! Isso é demais! E essa luz e cores? E o cheiro de comida, o quente e macio do colo? O que é isso que me faz sentir?”

O período de 0 a 3 anos de idade reúne uma multiplicidade de momentos muito diferentes e, em cada um deles, o bebê apresenta características e práticas distintas. Porém, há um fio que une esses três primeiros anos, comumente chamados de primeiríssima infância: os bebês e as crianças muito pequenas estão descobrindo, de forma multissensorial, seu corpo, os outros e o ambiente ao seu redor.

E basta observar um bebê por alguns minutos para constatar que essa jornada de investigação se dá, acima de tudo, pela brincadeira. Por isso, é fundamental garantir o direito de brincar - se descobrir e descobrir o mundo - de todas as crianças pequenas.

Buscando contribuir com essa defesa do direito de brincar desde o nascimento, apresentamos o material **Fios do brincar: tecendo o acolhimento de todos os bebês e crianças pequenas** que reúne algumas sugestões de atividades que podem ser realizadas por bebês e crianças pequenas com diferentes deficiências e sem deficiência.

Este material foi desenvolvido pela Mais Diferenças para o **Projeto Brincar**, uma iniciativa da Fundação Grupo Volkswagen em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo.

Além das brincadeiras, que você encontrará na seção **Sugestões de Mediação**, trazemos também algumas reflexões e pensamentos sobre a primeiríssima infância na seção **Para refletir e se inspirar**; um enfoque sobre o caráter inclusivo e acessível das atividades propostas na seção **Por que é para todos?**; e inspirações para continuar criando e brincando na seção **E depois? Mais e mais brincadeiras!**

E, como o cuidado, os processos educativos e as brincadeiras com bebês e crianças pequenas acontecem tanto na escola quanto em casa, este material se destina a educadores e famílias. Sendo assim, você pode ler todo o guia ou escolher os tópicos que mais lhe interessam. Boa leitura e brincadeiras!

Sumário

Para refletir e se inspirar...	5
Sugestões de mediação	10
Por que é para todos?	28
E depois? Mais e mais brincadeiras!	30
Para continuar explorando...	33

Para refletir e se inspirar..

*A vida é um fio,
A memória seu novelo.
Enrolo – no novelo da memória –
O vivido e o sonhado.
Se desenrolo o novelo da memória,
Não sei se foi tudo real
Ou não passou de fantasia.*

Bartolomeu Campos de Queirós

A partir da imagem poética de Bartolomeu, o nascimento de uma criança pode ser interpretado como o surgimento de um novo e ainda muito curto fio, surgido de um nó, o encontro entre outros fios - *vidas* - dessa teia - *sociedade*.

Nesta seção, nos inspiramos nessa imagem de fios e teias para pensar sobre alguns dos aspectos centrais e intimamente entrelaçados no que concerne à primeiríssima infância: a constituição de si; a descoberta e interação com os outros e com o mundo; as dinâmicas do vínculo, afeto e cuidado; a importância do brincar, imaginar e criar; e a inauguração do experienciar, expressar e significar.



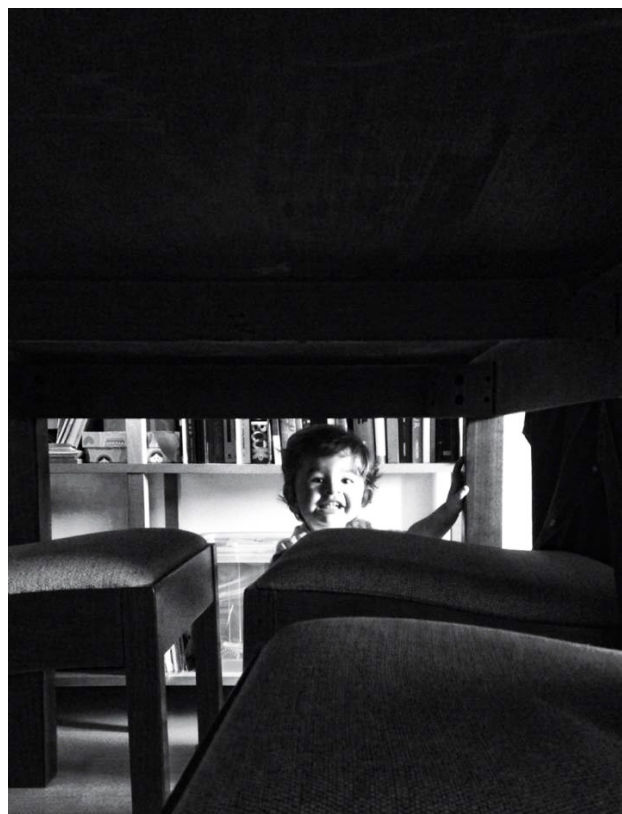
Crianças observam os formatos criados pela tinta

Uma subversão poética da palavra *desenvolvimento*, tão recorrente na pediatria e pedagogia, pode nos oferecer um bom início para expor esse emaranhado de pensamentos. Em seu livro **Introdução à Arte de Contar Histórias - Gramática da Fantasia** (Summus, 1982), Gianni Rodari, poeta e pedagogo italiano, nos sugere colocar o prefixo “des” em todas as palavras, até mesmo nas mais inusitadas, para que possamos imaginar como seria esse

novo objeto e para que o usaríamos - um *deslápis* ou uma *desporta*, por exemplo. Transformando um pouco a proposta, vamos separar e salientar o prefixo “des” ao invés de adicioná-lo, de modo que com a palavra *desenvolvimento* teríamos, então: “des-envolvimento”. Essa brincadeira remete à própria etimologia da palavra *desenvolvimento*, derivada da palavra *desenvolver*, que descreve “o ato de *desenrolar*, permitir a saída ou aparecimento de algo que estava tolhido”.

O bebê se desenvolve à medida que se “*des-envolve*” do nó inicial de que é oriundo, tornando-se um fio singular. Isto é, no começo da vida, o tamanho do fio entre o bebê e aquele que cuida é tão pequeno que quase não se pode ver um contorno de diferença entre esses dois seres. E, para que o bebê se *des-envolva* em todos os sentidos é indispensável que se teça um fio cada vez mais longo entre ele e seu cuidador, a ponto de este fio poder dar início à composição de uma teia que envolva muitas outras vidas e afetos.

Frisamos, porém, que isto não quer dizer que devemos cortar o fio ou enfraquecê-lo com o passar do tempo. O fio que representa o vínculo entre o bebê e aquele que cuida tem,



Bebê brinca sob a mesa, transformando-a em *desmesa*

indiscutivelmente, um papel central para que, principalmente nesses primeiros anos de vida, o bebê possa se sentir seguro para exercer sua autonomia em seu processo de auto descoberta e descoberta do mundo.

Assim, desejamos alongá-lo, deixando-o firme e estável e, para isso, o fiar deve se constituir pelo afeto e pelo cuidado, ambos permeados pela premissa de que o bebê não é um *vir a ser*, mas, ao contrário, *já o é*: um ser humano completo, singular e potente.

No cotidiano, essa premissa se traduz pelo respeito a cada bebê em sua singularidade e em todos seus aspectos

- seu corpo, seu ritmo, seus interesses, seus sentimentos... Por exemplo, nos momentos de cuidado diários como limpar o nariz, trocar a fralda e dar comida conversamos com o bebê, lhe contamos o que vamos fazer antecipadamente e o fazemos de modo atento e gentil.

Nesta relação respeitosa e afetuosa, portanto, a escuta também é um gesto indispensável mesmo quando ainda não há comunicação verbal estruturada, como destaca o **Currículo da Cidade - Educação Infantil:**

Escutamos os pequenos quando consideramos as suas iniciativas, quando os acolhemos e respeitamos os seus sentimentos (os bebês e as crianças que chegam tristes, os que chegam chorando e também os que chegam alegres, curiosos, os mais calados e os “perguntadeiros”). Também “damos colo” para quem precisa e espaço para crescer para quem chega sem nenhuma aparente demanda. A escuta também se concretiza quando chamamos bebês e crianças a participar de seus cuidados e da vida diária na UE. A escuta acontece sempre que as(os) professoras(es) fazem boas perguntas para os bebês e

as crianças e esperam alguma manifestação deles. (SÃO PAULO, 2019, p. 74)

Dessa forma, esses momentos de interação com os cuidadores, além de centrais para o fiar de um vínculo saudável, estável e afetuoso, são também indispensáveis para que o bebê possa começar a se aventurar em uma outra importante teia: a de expressão e significação. Como afirma, Cristiene de Souza Galvão em sua tese intitulada **Existe uma literatura para bebês?:**

O bebê, antes de aprender a falar, já usa gestos, balbucios, sorrisos e choros para se comunicar e expressar seus sentimentos e intenções, que são interpretados por seus cuidadores. É preciso acolher a sinestesia, a idiosincrasia e a multimodalidade como pressupostos de apreensão do mundo vivido pelos bebês. (GALVÃO, 2016, p. 27)

Ou seja, o bebê utiliza todo seu corpo, de maneira multissensorial, para apreender, significar e se expressar. E, a medida que, dessa forma sinestésica, o bebê estabelece comunicação com os outros ao seu redor e com o ambiente, ele percebe códigos e sinais que o auxiliam nessa descoberta do mundo e de si. Assim, é fundamental que o adulto que cuida esteja atento e disposto a se relacionar com o bebê também de forma multissensorial, já que não há uma única forma de interação possível. Ou seja, um bebê cego, por exemplo, não usará o olhar como meio de interação, mas criará outras tantas maneiras de apreender, significar e se expressar desde que haja um sujeito sensível, que as acolha.

Logo, a teia dos afetos está entrelaçada à teia da expressão e significação. Como esse processo de criação e apropriação da linguagem pelo bebê se dá por meio da relação com o mundo, ele é potencializado quanto mais ampla e diversa for a teia de pessoas e afetos ao redor do fio da vida do bebê. Como argumenta o **Currículo da Cidade - Educação Infantil:**

A infância é um tempo fundamental para bebês e crianças observarem, pesquisarem e experimentarem modos de participar e pertencer a grupos, de investigar o mundo social e natural e de aprender a “dizer” a sua palavra, constituindo assim autoria e protagonismo infantil. (SÃO PAULO, 2019, p. 157)



Bebê brinca de empurrar um adulto com deficiência em sua cadeira de rodas

Dessa forma, a teia dos afetos e das expressões é tecida pelo brincar e imaginar. Quando uma colher vira um avião; quando o rosto se esconde atrás de um pano; quando as meias vão nas mãos e não nos pés; quando o rosto se torna casa - *janela, janelinha, porta, campainha...* Nesses momentos, a ludicidade é como um tear que, com fios de diferentes espessuras e texturas, compõe a trama das descobertas e invenções da infância. Como afirma Maria Emilia López em seu livro **Um mundo aberto - Cultura e primeira infância:**

A mesma linguagem que dá lugar à vida mental e afetiva está na origem do brincar, as primeiras palavras da mãe e do pai para a criança (e de qualquer adulto que esteja cuidando dela), as primeiras associações entre gesto e palavra (cócegas, carícia, embalo) são lúdicas, poéticas, carregadas de como se próprio do brincar, do jogo. (LÓPEZ, 2018, p. 48)

O adulto, ao promover a brincadeira, rememora o novelo de sua infância - do vivido e imaginado - e, junto com o bebê, tece novas tramas do novelo que se inaugura.

Sugestões de mediação

Nas próximas páginas, apresentamos atividades e brincadeiras que podem ser realizadas com todos os bebês e crianças pequenas, com e sem deficiência. Dessas sugestões podem surgir uma infinidade de desdobramentos se deixarmos fluir a autonomia dos pequenos e ficarmos atentos aos seus sinais, aos seus modos de explorar e sentir, não esquecendo que é preciso tempo para isso, tanto para as crianças quanto para os adultos. E esse tempo é lentificado: por um lado, para que os bebês e as crianças possam explorar sua curiosidade, criatividade e imaginação e, por outro, para que os adultos estejam atentos e disponíveis para acompanhá-los nessa jornada.

Então, para que as brincadeiras a seguir possam se tornar fios que tecerão as teias da vida, isto é, para que possam construir sentidos e significados, precisamos, como adultos, estar atentos à curadoria que fazemos do mundo - cuidar afetosamente do que escolhemos apresentar aos bebês e como apresentamos. Estejamos atentos aos olhares, aos sons, aos movimentos, às estrelas, ao céu e às pedrinhas que aparecem no caminho...

1. Zona de Bugiganga

Imagina que delícia ter espaço e tempo para poder explorar diferentes objetos, ou melhor, *bugigangas!* Para construir uma *Zona de Bugiganga*, você pode escolher um espaço em casa ou na Unidade Educacional e prepará-lo de forma a oferecer a maior amplitude possível de chão livre para espalhar objetos. Você pode colocar nesse espaço tanto os brinquedos preferidos do bebê - o chocalho, o ursinho de pelúcia - como utensílios domésticos - colheres de pau, garrafas e copos de plástico, caixas de vários tamanhos, potes e bacias vazios ou com água. Vale tudo que você considere seguro para o bebê, levando em conta que, muitas vezes, essa exploração pode passar pela boca.



Zona de Bugiganga preparada com caixas de tamanhos variados, latas revestidas de diversos materiais e brinquedos

Na hora de escolher quais objetos você irá disponibilizar é interessante pensar em como cada bebê interage com o mundo. Se a criança tiver baixa visão, podemos escolher bugigangas de cores fortes e formatos variados para ajudá-la a identificá-las e a interagir com elas. Os objetos ainda podem fazer sons e ter texturas diferentes. As texturas e sons podem ser próprias dos objetos ou você pode colocar a imaginação para recriar esses objetos, dotando-os de novas características. Por exemplo, uma lata de molho forrada com tecido peludo ou com uma lixa possibilita novas explorações para todas as crianças.

Além disso, lembre-se de conversar com os bebês: ainda que não consigam falar, eles já iniciaram o processo de simbolização, isto é, mesmo que não vocalizem já sabem a que objeto e ação estamos nos referindo. Assim, quando começarem a brincar na *Zona de Bugiganga*, nomeie os objetos ou invente para eles nomes e/ou sons, fale de suas características e crie personagens enquanto a criança vai explorando. Nesses momentos, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) mostra-se como uma forma de comunicação muito potente para todos os bebês e, para as crianças com surdez, é a forma de entrarem no mundo da linguagem. Por isso, é fundamental que os adultos explorem o universo dessa língua para apresentar os sinais dos objetos e ações em Libras. E, caso você ainda não saiba algum sinal, você pode inventar um gesto correspondente àquele objeto ou ação.



Uma das caixas oferecidas na *Zona de Bugiganga* foi transformada em túnel com pedaços de papéis pendentes no teto

Duas dicas para começar a se aventurar pela Libras!

Como parte do material **Arquitetura infantil: reinventando os espaços** produzimos um vídeo acessível com 71 sinais de Libras relacionados à brincadeira de cavernas e tocas e à mediação de leitura. [Você pode acessar o vídeo clicando aqui](#) e começar a expandir seu vocabulário!



Além do vídeo, você pode usar também um aplicativo para celular chamado HandTalk, disponível gratuitamente para IOS e Android. Nele você fala ou escreve uma palavra e um “boneco intérprete 3D” faz o sinal em Libras correspondente.

E não é à toa que começamos sugerindo essa atividade: pode parecer muito simples, mas o brincar livre é fundamental para o desenvolvimento de todas as crianças, no qual ele “persevera nas suas tentativas e se não conseguir, tenta encontrar uma solução por si próprio.” (PIKLER, 1969, p. 10)

Importante lembrar que, para a *Zona de Bugiganga* efetivamente instigar essa exploração autônoma, o bebê precisa de tempo, de tranquilidade e de uma posição que seja confortável para ele. Por exemplo, se ele ainda não descobriu como sentar, o colocamos deitado no solo com os objetos próximos a ele. E nós, como adultos, precisamos estar atentos à sua

proteção e aos seus modos de inventar: quais são suas descobertas? Como ele explora os diferentes sentidos, movimentos do corpo e sons, sendo um bebê com ou sem deficiência?

E o solo da *Zona de Bugiganga* não precisa ser mole ou macio demais, viu? Para que o bebê se acostume com a gravidade e tenha estabilidade para experimentar diferentes movimentos, ele precisa de “um solo firme que não se afunde com seu peso”. (PIKLER, 1969, p. 12). Assim, se o chão da *Zona de Bugiganga* for de piso frio, podemos forrá-lo com um tecido fino - preocupando-se mais em manter o calor do que em evitar a dureza.

Além de brinquedos e objetos variados, você também pode espalhar elementos da natureza: folhas secas, galhos, terra seca, barro, argila, flores... Essa é uma variação muito interessante para quando você perceber que a criança não leva mais objetos à boca. O livro **Eco-arte com Crianças**, de Anna Marie Holm (Ateliê Carambola, 2015), pode ser um companheiro interessante para pensar muitas outras brincadeiras com elementos naturais.



Adulta apresenta à bebê uma exposição de folhas de árvores

Inspiração artística



Obra "Ratinho de Biblioteca". Fonte: N Magazine

Hélio Leites (1951) é um performer, poeta e artista plástico paranaense, importante nome da arte popular brasileira. Suas obras são feitas de material reciclado e cada uma delas guarda uma história - que são contadas pelo artista na Feira do Largo da Ordem, em Curitiba, para o encanto de adultos e crianças.

Paulo Leminski (1944-1989), escritor curitibano, descreveu Hélio Leites como um "significador de insignificâncias". Então, para criarmos e inovarmos na *Zona de Bugigangas*, podemos nos inspirar em suas obras e tentarmos significar as insignificâncias

de nossas casas e Unidades Educacionais.

[Clique aqui para assistir a um vídeo sobre Hélio Leites](#)

Ou [clique aqui para ler um pouco mais sobre Hélio Leites](#) e ver algumas de suas obras.

2. Exploração dos sons e da musicalidade

Todas as crianças, desde a mais tenra idade, se interessam muito por sons e vibrações - de um chocalho ou da voz de um adulto. Estes elementos fazem parte da interação do bebê com o mundo, contribuindo para a sua formação e o seu desenvolvimento motor, social, linguístico e afetivo.

Quando a criança começa a se interessar pelo desenho e pela expressão escrita, por exemplo, geralmente os adultos valorizam e incentivam. No entanto, quando o bebê se interessa por experimentar sons, fazendo barulho e explorando as propriedades sonoras dos objetos, muitas vezes nós, adultos, não entendemos que ali existe um processo de aprendizagem se iniciando.

Ao arrastar uma cadeira, bater na mesa com uma colher, balbuciar em diversos tons, arranhar e raspar uma mesa de madeira, o bebê está investigando os timbres, vibrações, intensidades e volumes; as diferentes possibilidades de ritmo e as variações de som que um mesmo objeto pode produzir a depender do manuseio ou do contato com diferentes superfícies. Porém, frequentemente nós interpretamos

essa experimentação somente como barulho e pedimos para que parem. Por isso, é fundamental que estejamos atentos às experiências com os sons que os bebês desenvolvem, acompanhando-as com atenção e interesse, interagindo com eles e estimulando-os. Um lindo processo de descoberta do mundo estará acontecendo bem ali na sua frente!



Menino explorando os sons e silêncios do piano pela primeira vez

E, para nos reconectarmos a esse processo, podemos manter em mente alguns pensamentos de François Delalande, um importante nome da pedagogia musical, que, após observar os experimentos musicais de crianças, escreveu o artigo **Três ideias-chave para uma pedagogia musical do despertar** (1976):

Em primeiro lugar, a criança faz a música dos sons por si própria; em segundo, a música não é

somente dó, ré, mi, fá, sol e tudo que sabemos do sistema tonal; em terceiro, o objetivo inicial não é formar crianças que saibam música, mas formar músicos. E ser músico não é saber música, pois nós podemos desenvolver uma série de gostos e de aptidões antes de começar a ensinar o solfejo e as técnicas instrumentais. A princípio, devemos despertar as condutas musicais que existem nas crianças, favorecendo suas atividades espontâneas de escuta e de produção de sons. (ALARCON e BRITO, 2019, p. 4)

a) Zona de algazarra

Chegou a hora da *Algazarra!* Prepare um espaço no chão e ofereça diferentes tipos de materiais que possibilitem a criação de sons: potinhos fechados de diferentes tamanhos, com arroz, pedrinhas, feijão; molho de chaves; papel para amassar; utensílios domésticos... Incentive as crianças a explorarem os diferentes sons e vibrações dos objetos, o que poderá ampliar a percepção dos timbres, intensidades e ritmos: uma colher de pau faz um som bem diferente de uma colher de metal ao bater na mesa ou no chão!



Bebê brinca em “piscina” de papéis amassados

Da mesma forma que na *Zona de Bugiganga*, ao escolher os objetos sonoros precisamos pensar sobre como cada criança poderá explorá-los. Por exemplo, as crianças com paralisia cerebral muitas vezes precisam de objetos maiores para conseguir segurá-los. Então, podemos oferecer potes maiores e, para bebês com deficiência física que não consigam segurar objetos, você pode colocá-los nas mãos, braços, pés e pernas e prendê-los delicadamente com uma fita de velcro. Já para as crianças com deficiência auditiva é importante

pensar como possibilitar que elas sintam as vibrações dos sons e explorem o ritmo e a musicalidade através do movimento. Sons graves são mais facilmente percebidos por bebês com deficiência auditiva, então mantenha isso em mente no momento de escolha das músicas, instrumentos e objetos a oferecer. Uma estratégia interessante é oferecer ao bebê uma bexiga para ele segure e pressione próximo de onde o som está sendo emitido. O contato com a bexiga amplia a vibração e a percepção tátil. Além disso, você pode brincar vinculando os sons a cores, luzes, imagens, dimensões e pesos e essa é uma experiência incrível para todas as crianças. “Por exemplo, você pode associar um som grave e de vibração forte com um objeto retangular grande e pesado.”

E não tenha receio de na *Zona de Algazarra* oferecer objetos que, a priori, tenham outras funções, como, por exemplo, uma colher. Gianni Rodari mais uma vez pode nos ajudar a refletir sobre como uma colher pode ser para comer, para bater e para fabular:



Menina brinca com os sons da colher e panela

“A cadeira e a mesa, que são para nós objetos comuns e praticamente invisíveis, que usamos automaticamente, serão para a criança, durante muito tempo, objeto de uma exploração ambígua e pluridimensional em que **aparecem de mão dadas conhecimento**

e fabulação, experiência e simbolização. Enquanto aprende a conhecer as suas faces, a criança não deixa de brincar com elas, de formular hipóteses sobre elas. A partir dos dados positivos que imagina, não deixa de fazer um uso fantástico.” (RODARI, 1982, p. 131, grifo nosso)

Inspirados, então, por essa reflexão, podemos expandir a *Zona de Algazarra* para outros espaços e tempos, deixando-a transformar a percepção dos sons da nossa rotina. Em casa, podemos ressignificar o ruído da máquina de lavar: dançando a melodia da cantora máquina de lavar, sentindo sua vibração ou tentando descobrir quais palavras cabem no seu ritmo... Nas Unidades Educacionais, podemos ressignificar o som da torneira: a melodia do pingar e do jorrar, as sonoridades produzidas do contato com a água com objetos feitos de diferentes materiais e a interação da água com o corpo do bebê. Ainda, nas UEs que possuem um aparelho de som com microfone, esse pode se transformar em um dispositivo muito interessante para a experimentação de sons que costumam ter o volume baixo, como o amassar de um copo plástico ou a própria voz e sons produzidos pelos bebês.

Além disso, podemos oferecer uma *Zona de Algazarra Refúgio*, onde o ambiente seja mais silencioso e solitário, de modo que a criança possa encontrar um espaço íntimo em que tenha liberdade para criar e experimentar sem o olhar do adulto. François Delalande em entrevista afirma:

“Eu diria que seria muito interessante ter um local, um pequeno espaço no qual a criança possa ir sozinha, mesmo na sala de aula. Por exemplo, um armário colocado de forma perpendicular à parede, ou seja, um lugar em que o professor seja capaz de vigiá-la, mas que dê a ela a sensação de estar sozinha, guardando certa distância dos colegas, pois as crianças conseguem se concentrar mesmo quando há barulho por perto.” (ALARCON e BRITO, 2019, p. 21)



Bebê explora sonoridades dentro de seu refúgio caixa de papelão

O material do Projeto Brincar intitulado **Arquitetura Infantil: reinventando os espaços** pode ser um bom companheiro na construção de barracas e cavernas musicais. [Clique aqui para acessar ao material Arquitetura Infantil: reinventando os espaços](#)

Por fim, tanto na *Zona de Bugiganga* quanto na *Zona de Algazarra*, é

interessante variarmos o conjunto de objetos oferecidos. Como nos aponta mais uma vez Delalande, “não me parece muito interessante fazer as crianças explorarem todos os dias os mesmos objetos. É importante que elas se esqueçam disso um pouco para que, depois de algum tempo, elas os redescubram.” (ALARCON e BRITO, 2019, p. 21)

Inspiração artística



Cantora Badi Assad em foto divulgação do álbum “Cantos da Casa” Foto: Folha de São Paulo

Badi Assad (1966) é uma cantora, compositora, violonista e percussionista paulista. Badi lançou seu primeiro álbum em 1989 e, desde então, trilhou uma carreira de sucesso, consolidando-se como um nome renomado da música brasileira - apesar de ter maior fama fora do país.

Em 2014, lançou o álbum *Cantos de Casa*, inspirado pelo nascimento de sua primeira filha, Sofia. As canções de *Cantos de Casa* descrevem momentos de um dia cotidiano e, além do violão, todos os instrumentos usados não são nada convencionais: baldes, copos, vassouras, escovas de dentes...

[Clique aqui para assistir a um vídeo no qual Badi conta um pouco mais sobre o processo por detrás do Cantos da Casa e seus desdobramentos.](#)

[Clique aqui para escutar as faixas do álbum Cantos da Casa.](#)

[Clique aqui para ler sobre a vida e obra de Badi Assad.](#)

b) Corpo musical

Sempre temos um - ou vários - instrumentos musicais disponíveis: os nossos próprios corpos! Você pode criar sons com o seu corpo para o bebê e estar atento quando ele fizer o mesmo: desencadeando um dueto-diálogo sonoro entre você e a criança.

Podemos fazer sons onomatopéicos - por exemplo, imitação do trotar de cavalo, de latidos e miados - bater palmas, bater na perna com as mãos... E, então, podemos observar, neste jogo de improviso, que sinfonias ou silêncios o bebê vai propor. Os balbucios dos bebês são uma bela aula de exploração vocal que pode nos inspirar: podemos imitá-los e propor novos tons, ritmos e volumes. Essa exploração das sonoridades dos corpos, além de ser prazerosa, auxilia na construção de novas narrativas sobre si, o outro e o mundo.



Menina explora as musicalidade do seu corpo brincando com um chocalho em seu pulso

Nesta atividade, você também pode cantar músicas que estimulem o uso de percussão corporal para todos cantarem juntos, usando as vozes e fazendo percussão com o corpo, como, por exemplo:

Palma, palma, palma
pé, pé, pé
roda, roda, roda
Caranguejo peixe é!

E, quanto mais diversificada a dieta sonora que oferecemos para esse corpo musical, melhor! Por isso, não hesite em apresentar aos bebês músicas instrumentais e de diferentes lugares do Brasil e do mundo. Para isso, precisamos nos tornar desbravadores de gêneros musicais pouco difundidos. A plataforma *Sesc Instrumental* pode ser um primeiro passo nessa jornada.

[Clique aqui para acessar a plataforma Sesc Instrumental.](#)

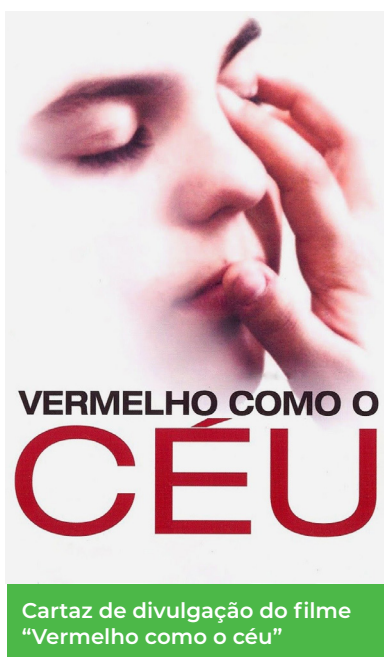
Igualmente, a crescente diversidade de nacionalidades e culturas das crianças e famílias que compõem as comunidades escolares pode nos inspirar nesse processo de incorporar em nosso cotidiano ritmos e sonoridades que antes desconhecíamos. Quantos ritmos diferentes terão as músicas andinas? Quais sonoridades novas poderão nos apresentar as músicas angolanas

e haitianas? Como afirmam Sandra Regina Richter e Maria Carmem Barbosa:

A expectativa é destacar o currículo da creche como um lugar e um tempo que tenha como foco não apenas a presença e a participação da criança pequena, mas também a opção pedagógica de ofertar uma experiência de infância rica, diversificada, complexificada pela intencionalidade de favorecer experiências lúdicas com e nas múltiplas linguagens, favorecendo a construção de narrativas que possam oferecer sentido à vida e às aprendizagens. (RICHTER e BARBOSA, 2010, p. 93)

Outra possibilidade de exploração coletiva do corpo sonoro é propor uma releitura dos sons presentes, por exemplo, em uma tempestade: os pingos de chuva, o barulho do vento, do trovão e até mesmo gritos que podem expressar medo. Para isso, podemos experimentar usar somente nossos corpos ou inserir outros materiais como chapas de raio X, papéis, sinos... Brincamos com as diferentes intensidades e elementos da tempestade e também comemoramos - com mais música - quando o sol retorna.

Inspiração artística



Cartaz de divulgação do filme "Vermelho como o céu"

O filme italiano "Vermelho como o céu" (2006, 95 min), dirigido por Cristiano Bortone, retrata a vida de um garoto cego que, durante os anos 1970, luta para alcançar seus sonhos e sua liberdade. Mirco (Luca Capriotti) tem dez anos, é apaixonado por cinema e perde a visão após um acidente. Uma vez que a escola pública local não aceitou sua matrícula, ele é enviado a um instituto de pessoas com deficiências visuais em Gênova. Lá descobre um velho gravador e passa a criar histórias sonoras. Baseado na história real de Mirco Mencacci, um renomado editor de som da indústria cinematográfica italiana.

E como será vestir um instrumento musical? Inspirados no *Washboard*, instrumento inventado a partir de antigas tábuas de lavar roupa, podemos criar roupas sonoras para os bebês e os adultos. Usando uma camiseta velha, você pode fazer um colete com tampinhas de plástico coloridas penduradas. Você pode fixar ou costurar usando cordões de tamanhos diferentes. E esse colete pode ser monotemático ou misturar vários objetos: guizos, rolhas, colheres de plásticos, papel celofane e o que mais sua imaginação permitir.



Mulher tocando washboard. Fonte: Flickr

E que tal ter uma luva musical como adereço? Ao tocar *Washboard*, algumas pessoas usam luvas com materiais

metálicos nas pontas dos dedos. Podemos criar luvas sonoras para bebês que possibilitarão um reinventar do batucar, arranhar e raspar, trazendo novos sons e sensações para o corpo musical.



Luvas com tampas de garrafa fixadas nas pontas dos dedos. Fonte: Flickr

Inventamos essas roupas musicais pensando nos bebês com deficiência: mais uma vez, as diferenças nos presentearam com a criação e, como sempre, essa criação permite uma experimentação incrível para todos!

E, em todas as experimentações que sugerimos, é fundamental pensarmos em formas de registro para sentirmos as mudanças ao longo do tempo e podermos, assim, observá-las ainda mais atentamente. Na Unidade Educacional, esse processo de registro possibilita “uma infância na qual a qualidade da atenção às crianças de zero a três anos seja discutida e socialmente partilhada, ou seja, um estabelecimento aberto para a discussão com a família e a sociedade.” (RICHTER e BARBOSA, 2010, p. 93)

3. Explosão de cores, sabores e sensações

A imensidão do mundo vai se abrindo para os bebês de forma intensa como em uma explosão e eles a acolhem em sua inteireza e de forma multissensorial. Isto quer dizer que proporcionar aos bebês experiências que envolvam, ao mesmo tempo, diferentes sentidos e sensações é extremamente rico para seu desenvolvimento. Aqui deixamos duas sugestões para te inspirar nessa jornada de invenção de explosões!

a) Colorir e comer: tintas comestíveis

Como será a relação de cada bebê com as tonalidades que o mundo o apresenta? Podemos instigar

essa descoberta fazendo tintas de comer! Você pode começar usando três vegetais: cenoura, beterraba e couve, que nos proporcionam cores fortes e sabores variados. E é muito simples: basta colocar cada um deles no liquidificador com água e depois coar, espremendo os líquidos em um pano. Você também pode fazer tintas misturando iogurte e corante alimentício. As tintas podem ser mantidas na geladeira e vocês podem usá-las pra pintar o que tiverem à disposição: jornal, papel de pão, papel sulfite, papel cartão, cartolina, kraft, caixas de papelão, telas, tecido velho... E é lógico, o corpo da criança sempre pode ser uma grande tela!



Bebês brincam com tinta de iogurte, pintando seus corpos e papel kraft

E como são tintas muito especiais, a brincadeira não é só pintar, mas comer! Ao oferecer a tinta de cenoura ao bebê, por exemplo, você pode também oferecer uma cenoura cozida. Ele pode explorar os sabores da tinta e do alimento, investigando as semelhanças e diferenças na textura e na intensidade do sabor. E claro, esse momento é uma ótima oportunidade para contar a ele a magia: aquele alimento gostoso que criou aquela tinta divertida.



Menina pinta seu corpo com tinta de couve

E quando o bebê não levar mais as tintas a boca, vocês podem transformar esta atividade em uma exploração da pintura usando outros tipos de pigmentos naturais - como o carvão ou o urucum. Novamente, o livro **Eco-arte com Crianças**, de Anna Marie Holm, é um bom companheiro nessa jornada.



Menina experimenta com a mão a tinta feita de iogurte e corante vermelho

Inspiração artística



Obra "A criação das camadas da terra", 2020. Fonte: Perfil no Instagram de Daiara Tukano

Daiara Tukano é uma artista, educadora, comunicadora e ativista dos direitos dos povos indígenas. Pertencente ao povo Tukano, do clã Eremiri Hãusiro Parameri do Alto Rio Negro do Amazonas, Daiara é graduada em Artes Plásticas e mestre em Direitos Humanos pela Universidade de Brasília - UnB.

Em suas produções artísticas, Daiara utiliza tintas aquarelas e acrílicas, mas também pigmentos naturais. A pintura ao lado, por exemplo, foi feita com tinta de jenipapo, uma fruta nativa da mata atlântica e amazônica e largamente utilizada para grafismos e pinturas corporais por diversos povos originários de toda a América do Sul.

[Clique aqui para acessar o perfil oficial de Daiara no Instagram](#) ou [clique aqui para assistir a uma entrevista com a artista;](#)

Quer conhecer mais sobre os pigmentos naturais e a arte dos povos ameríndios?

[Clique aqui para acessar uma apostila sobre pigmentos naturais.](#) Nela, o artista capixaba John Bermond ensina como produzir vários tipos de pigmentos. [Clique aqui para saber mais sobre o artista John Bermond.](#)

Ou [clique aqui para assistir um vídeo sobre os grafismos e pinturas do povo Kayapó, do Estado do Pará.](#)

b) Tapete Mágico

Já imaginou que delícia tornar colorido algo transparente usando seu próprio corpo? O *Tapete Mágico* é uma atividade em que o bebê pode brincar de misturar tintas de diversas cores dentro de um saco plástico fechado usando diferentes partes do seu corpo. Assim, além de poder observar as misturas e as formas abstratas, nessa atividade as crianças pequenas podem explorar o tato se, além de tintas, colocarmos nos sacos elementos com diferentes texturas.



Bebê brinca com Tapetes Mágicos feitos com diversas cores e diferentes texturas: pedrinhas e folhas

Para fazer seu *Tapete Mágico*, você vai precisar de um saco plástico transparente. Pode ser aquele saco que usamos para organizar documentos ou aquele com fecho hermético que usamos para guardar alimentos e pequenos objetos. Cuidado com saquinhos muito finos, eles podem

estourar! Mas, se estourarem, outras brincadeiras vão surgir.

Dentro do saco, então, você coloca um pouco de tinta - de uma cor só ou de várias cores. Você pode deixar uma ou mais bolinhas de tinta no centro do saco ou deixá-las acumuladas nas pontas. Também é possível fazer vários círculos concêntricos pontilhados com diferentes cores de tintas. As possibilidades são praticamente infinitas, então, deixe sua imaginação te levar! Você pode usar uma tinta à base de água ou as tintas comestíveis da atividade *Colorir e Comer*.

Então, dê um pouco de textura ao seu tapete colocando diferentes elementos dentro do saco: folhas secas, bolinhas de gude, areia, pedrinhas, terra... Você pode brincar de associar uma cor a uma textura, fazendo, por exemplo, um saco de tinta verde e folhas de árvores. Para as crianças com deficiência visual, essa associação entre textura e cor pode colaborar na formação de imagens mentais.

Por fim, feche bem o saco usando fita adesiva. Voilà! O *Tapete Mágico* está pronto para viajar!

Você pode colocá-lo no chão e, assim, o bebê pode usar todo seu corpo para

descobrir as cores e sensações do tapete. Se o bebê engatinha ou anda, você pode fazer um caminho com vários tapetes de diferentes cores e texturas. E o *Tapete Mágico* pode também ir além do chão: você pode grudá-lo na parede com ajuda de fita adesiva - na altura adequada para que o bebê possa alcançá-lo das posições que domina - ou fixá-lo embaixo de uma mesa sob a qual o bebê possa ficar em segurança. Se a criança usar cadeira de rodas, você pode colocar o *Tapete Mágico* sobre o apoio de mesa da cadeira. E talvez para as crianças que tenham aflição de se sujar com tinta, o *Tapete Mágico* pode ser um convite amigável para que ela inicie essa descoberta.



Bebê brinca com um grande Tapete Mágico usando todo o corpo.



Em uma Unidade Educacional, adultos e crianças brincam juntos, de pé em um grande Tapete Mágico

Essa atividade nasceu das experimentações pedagógicas do Projeto Brincar nas Unidades Educacionais da rede municipal de São Paulo. A proposta era oferecer um grande *Tapete Mágico* onde todas as crianças pudessem brincar juntas. Para isso, ao invés dos saquinhos, utilizamos metros de um plástico grosso transparente. Alguns tapetes viraram até murais coletivos e todos nos trouxeram muita alegria!

Inspiração artística



Marcos Abranches em "Corpo sobre Tela"
Foto: Divulgação Flertaí

Marcos Abranches é coreógrafo e dançarino, fundador da Cia. Vidança em 2005. Estreou nos palcos aos 26 anos e, desde então, atuou em inúmeros espetáculos no Brasil e Alemanha. Marcos tem paralisia cerebral e tem a deficiência como referência de estudo para a construção de sua linguagem artística corporal.

No espetáculo "Corpo sobre Tela" criado em parceria com Rogério Ortiz e dirigido pelo próprio dançarino, ele utiliza elementos de dança, performance e artes plásticas - promovendo a troca entre linguagem artísticas - e combina movimentos voluntários e involuntários ao seu trabalho de intérprete.

[Clique aqui para assistir a trechos do espetáculo "Corpo sobre Tela"](#) ou [clique aqui para visitar o perfil de Marcos Abranches no Instagram.](#)

Por que é para todos?

Este material é para todos porque o brincar é para todos.

Quando nasce um bebê com alguma deficiência é muito comum a família ficar voltada para as questões que dizem respeito à saúde, ao diagnóstico e a busca de apoios clínicos. Também é um momento de lidar com o medo e com as incertezas. Começa um processo de elaboração do nascimento de um filho com deficiência ao mesmo tempo que acaba de vir ao mundo uma nova existência e, assim, é preciso respeitá-la, conhecê-la, aprender do que gosta, como se comunica... Ou seja, são os preciosos anos da primeiríssima infância e, por isso, é fundamental que a interação com o bebê se dê pela brincadeira e ludicidade.

Sempre que pensamos em um bebê, precisamos entendê-lo como um sujeito de direitos, para quem o cuidado, a hospitalidade e o acolhimento são vitais. E muito disso se dá pelo brincar, por isso defendemos que o brincar não pode ser negligenciado.



Em uma UE, crianças com e sem deficiência brincam de criar um porco espinho após uma contação de histórias

Entender a singularidade de todos os bebês, desde a sua chegada ao mundo, é fundamental e precisamos estar atentos às diferenças como criadoras de outras formas de ser e habitar o mundo. Os bebês e as crianças pequenas com deficiência podem nos possibilitar viver de forma inventiva, criativa, inusitada, alegre e sensível!

E, por respeitarmos as singularidades e as diferenças de todos, não acreditamos na proposição de brincadeiras para os bebês sem deficiência que depois requerem pensar em adaptações para bebês com diferentes deficiências. Para construir um mundo para todos, é necessário considerar as diferenças desde o início, a partir da inteireza de cada sujeito. Assim, juntos, descobrimos ideias e modos de brincar que são de todos, com todos e para todos!

Desta forma, ao longo do **Fios do Brincar** compartilhamos algumas reflexões, sugestões e modos de fazer a partir da perspectiva inclusiva e esperamos que possam inspirá-los a inventar tantas outras possibilidades, a partir do vínculo, do encontro, da escuta e olhar atentos e sensíveis com os bebês e as crianças pequenas!

E depois? Mais e mais brincadeiras!

“Que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem barômetros etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós.”

Manoel de Barros



Bebê alimenta dinossauro com folha de árvore

Depois de brincar de bagunça, de barulho, de cor, de textura e de sabor e perceber esses momentos como nós que fortalecem e encantam de maneira única o fio que une você e o bebê, é possível que surja o ímpeto de derramar esse encantamento por toda a teia do cotidiano e transformá-la.

Se esse for o caso e seu espírito brincante reavivado estiver ávido por mais e mais brincadeiras, sugerimos que se inspire mantendo em mente este pensamento: encantar o cotidiano, fantasiar o espaço e lentificar o tempo.

Para começar o encantamento do cotidiano, uma sugestão é repensar o acordar. O despertar é um ótimo momento para uma brincadeira de alongamento. Logo que o bebê acordar, converse, pergunte se dormiu bem, diga o que vai fazer e comece a brincar. Primeiro, com os braços do bebê: segure-os gentilmente pelas mãos fazendo um movimento circular, alongando os bracinhos. E depois, faça o mesmo movimento com as pernas.

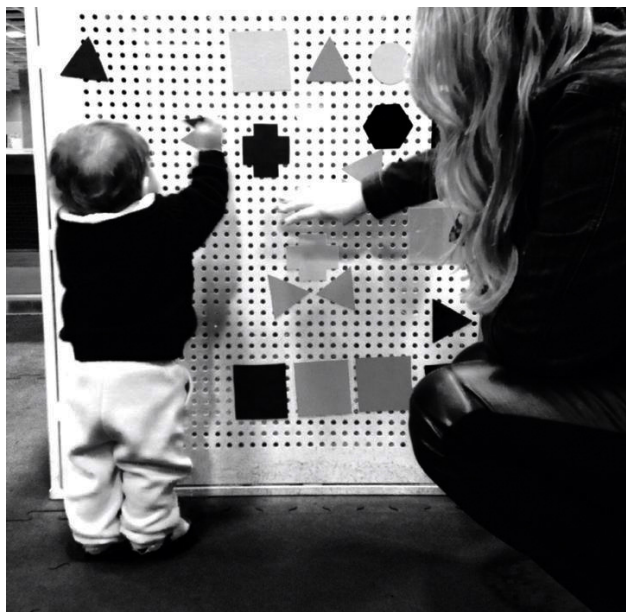
“Está gostoso?”; “que perna mais rechonchuda!”; “quer que eu continue?”; “olha a barriga do nenê!”; “vamos fazer uma massagem?!”...

Este alongamento pode até virar uma brincadeira de esconde-esconde no meio do caminho. Você pode esconder partes do rosto: nariz, olho, queixo...

“Cadê? Achou!” Durante todo o tempo, vá interagindo com o bebê, falando sobre o dia, trocando sorrisos, trocando afetos...

Esse encantamento dos momentos rotineiros, então, pode se materializar na transformação dos espaços da casa e da Unidade Educacional. O momento do banho, por exemplo, pode ser encantado se, procurarmos nas formas da espuma um animal. “Nossa, mas como esse passarinho voou até aqui?”, “será que ele quer tomar banho com a gente?”, “de onde será que ele veio?”, “qual o nome dele?”...

O pássaro que fantasia o banheiro se torna um companheiro da hora do banho e pode ganhar quantos amigos a imaginação pedir, explorando os caminhos da história que você e o bebê criarem....



Bebê e adulta brincam em uma móvel com peças encaixáveis em formatos geométricos

A fantasia também pode se concretizar em algum pedaço desocupado na parede. Você pode selecionar os elementos que o bebê mais gostou das atividades *Zona de Bugiganga*, *Zona de Algazarra* e *Tapete Mágico* e pendurá-los ou colá-los nessa parede de forma que o bebê possa alcançá-los. Surge assim um cantinho brincante que, além de fantasiar o espaço e tornar o bebê mais pertencente a ele, incentiva o brincar livre e espontâneo.

Por fim, tanto para encantar o cotidiano como para fantasiar a casa, precisamos de tempo. E não de qualquer tempo: olhando para os ponteiros e temendo a implacabilidade do passar das horas não poderemos nos encantar nem fantasiar. Precisamos lentificar o tempo de forma que cada instante seja valioso e cheio de significado, o que só é plenamente possível quando estamos imersos no presente sem pensar no “logo” ou no “agora há pouco”.

E, evidentemente, na rotina atribulada de casa ou da Unidade Educacional, essa não é uma tarefa fácil. É necessário tentar reorganizar nosso tempo, refletindo profundamente sobre como o usamos e que atividades priorizamos. Talvez tenhamos criado atividades demais de forma que falte tempo para o vazio, para o lento. Talvez as atividades

sejam realmente inescapáveis, mas a tratamos como ordinárias e ainda não conseguimos ver nelas possibilidades para fantasiar e encantar. Talvez estejamos sufocados pelas demandas e tenhamos nos esquecido que cada instante com o bebê, por mais trivial que possa parecer, é irrecuperável e abundante em potencialidade.

Há, afinal, muito o que pensar nessa “faxina temporal”! E quando terminarmos essa reorganização, no tempo que encontrarmos para encantar e fantasiar, seja ele longo ou muito curto, precisamos nos concentrar para nadar contra a corrente e não correr, não ansiar, não esperar, mas somente viver, tecendo nós nesse fio afetivo entre você e o bebê de maneira dedicada e entregue! E, para encontrar e valorizar esse tempo lento de encantar e fantasiar, além dos versos de Manoel de Barros, a poesia de Daniel Pennac pode ser mais uma inspiração. Provavelmente o tempo de brincar é também roubado, como o tempo de ler e amar.

O tempo para ler é sempre um tempo roubado. (Tanto como o tempo para escrever, aliás, ou o tempo para amar.)

Roubado a quê?

Digamos, à obrigação de viver.

É sem dúvida por essa razão que se encontra no metrô - símbolo refletido da dita obrigação - a maior biblioteca do mundo.

O tempo para ler, como o tempo para amar, dilata o tempo para viver.

Se tivéssemos que olhar o amor do ponto de vista de nosso tempo disponível, quem se arriscaria? Quem é que tem tempo para se enamorar?

E no entanto, alguém já viu um enamorado que não tenha tempo para amar?

Eu nunca tive tempo para ler, mas nada, jamais, pôde me impedir de terminar um romance de que eu gostasse.

A leitura não depende da organização do tempo social, ela é, como o amor, uma maneira de ser.

Daniel Pennac

Para continuar explorando..



Anna Marie Holm (1951-2015) foi uma artista plástica e professora dinamarquesa, autora de diversas publicações sobre a arte na primeira infância. Trabalhava com desenho, fotografia e instalações, expondo suas obras em diversos países como Dinamarca, Hungria, Turquia, Eslovênia e Brasil.

No **Fios do Brincar**, indicamos seu livro **Eco-arte com Crianças**, publicado pelo Ateliê Carambola em 2015, como um bom companheiro para explorar as possibilidades de criação artística das crianças com elementos naturais.

[Clique aqui para ler uma entrevista com a artista](#) ou [clique aqui para assistir a um vídeo de oficinas de brincadeiras realizadas pela educadora junto ao Ateliê Carambola.](#)



O Currículo da Cidade apresenta os princípios e diretrizes que norteiam a educação infantil pública municipal. Este documento é uma das bases do Projeto Brincar.

São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. **Currículo da cidade: Educação Infantil.** – São Paulo : SME / COPED, 2019.

[Clique aqui para acessar o Currículo da cidade: Educação Infantil.](#)

[Clique aqui para ver um vídeo com orientações para a leitura desse documento.](#)



Emmi Pikler (1902-1984) nasceu em Viena, na Áustria. Atuou como pediatra em Budapeste, na Hungria, onde, em 1946, criou o Instituto Lóczy, um orfanato para bebês e crianças pequenas. A abordagem desenvolvida por Pikler nesse Instituto trouxe contribuições notáveis para a Educação Infantil e que continuam relevantes até os dias atuais, o que é revelado pela grande quantidade de institutos ao redor do mundo que se dedicam a estudá-la.

Na seção **Sugestões de Mediação**, usamos seu livro intitulado “Moverse en libertad - Desarrollo de la Motricidad Global” publicado pela Narcea S. A. de Ediciones em 1969.

[Clique aqui para acessar o site da Rede Pikler Brasil.](#)



François Delalande nasceu em Paris, na França, em 1941, e, desde 1970, é um dos nomes mais importantes do Grupo de Pesquisa Musical (INA-GRM Paris), do qual é diretor do Programa Ciência da Música. Entre suas áreas de pesquisa, destacamos o nascimento e desenvolvimento do comportamento musical infantil, pedagogia musical e surgimento da musicalidade. Em 2019, seu livro “A música é um jogo de crianças” foi traduzido para o português e publicado pela editora Peirópolis.

Na seção **Sugestões de Mediação** usamos a entrevista feita por Alessandra Cintra Alarcon e Teca Alencar de Brito ao autor em 2019.

[Clique aqui para ler a entrevista com François Delalande.](#)



Gianni Rodari (1920-1980) nasceu em Omegna, na Itália. Foi pedagogo, jornalista, poeta e escritor de livros infantis.

[Clique aqui para ler uma matéria na Revista Emília sobre sua vida e obra.](#)

No **Fios do Brincar**, usamos seu livro intitulado *Introdução à Arte de Contar Histórias - Gramática da Fantasia*, publicado pela Summus Editorial em 1982.

[Clique aqui para ler uma amostra do livro *Introdução à Arte de Contar Histórias - Gramática da Fantasia*.](#)

Mais e mais referências...

LÓPEZ, Maria Emília. **Um mundo aberto - Cultura e Primeira Infância**. 1ª edição. São Paulo: Instituto Emília, 2018.

GALVÃO, Cristiene de Souza Leite Galvão. **Existe uma literatura para bebês?**. 2016, 274f. Dissertação de Mestrado em Educação - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. [Clique aqui para acessar a tese “Existe uma literatura para bebês?”](#)

RICHTER, Sandra Regina; BARBOSA, Maria Carmem. **Os bebês interrogam o currículo: as múltiplas linguagens na creche**. Educação - Revista do Centro de Educação, Santa Maria, v. 35, n. 1, p. 85-95, jan./abr. 2010. [Clique aqui para acessar o artigo “Os bebês interrogam o currículo: as múltiplas linguagens na creche.”](#)

Ficha Técnica

Desenvolvimento

Mais Diferenças

Redação

Ana Carolina Radzevicius

Arthur Calasans

Carla Mauch

Guacyara Labonia Guerreiro

Thaís Martins

Imagens

Arthur Calasans

Guacyara Labonia Guerreiro

Aldine Nogueira

Design gráfico

Alex de Almeida

Acessibilidade

Ana Carolina Radzevicius

Ana Rosa Bordin Rabello

Alex de Almeida

Gustavo Torniero

Rodrigo Sangues

Sobre o Projeto Brincar

O Projeto Brincar é uma iniciativa da Fundação Grupo Volkswagen em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, concebida e desenvolvida pela Mais Diferenças. Desde 2017, o Projeto propõe a criação e experimentação de práticas pedagógicas inclusivas de maneira a contribuir com a qualidade das políticas públicas de Educação Infantil ofertadas a todas as crianças, com e sem deficiência. Em 2020, o Brincar foi reconhecido em âmbito internacional pela iniciativa Zero Project, que premia práticas inovadoras voltadas à garantia dos direitos das pessoas com deficiência no mundo. Para saber mais sobre o Projeto, acesse:

[Clique aqui para acessar o site da Fundação Grupo Volkswagen.](#)

[Clique aqui para acessar o site da Mais Diferenças.](#)